



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

PEDRO HENRIQUE DA SILVA FRANCELINO

**CANGAÇO LAMPIÔNICO:
REPRESENTAÇÕES, COTIDIANO E *MODUS OPERANDI***

**GUARABIRA-PB
2022**

PEDRO HENRIQUE DA SILVA FRANCELINO

**CANGAÇO LAMPIÔNICO:
REPRESENTAÇÕES, COTIDIANO E *MODUS OPERANDI***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Área de concentração: História e relações de poder.

Orientadora: Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira

**GUARABIRA-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F815c Francelino, Pedro Henrique da Silva.
Cangaço lampiônico [manuscrito] : representações,
cotidiano e modus operandi / Pedro Henrique da Silva
Francelino. - 2022.
42 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira ,
Departamento de História - CH."

1. Cangaço. 2. Lampião. 3. Representações. 4. Modus
operandi. I. Título

21. ed. CDD 303.6

PEDRO HENRIQUE DA SILVA FRANCELINO

**CANGAÇO LAMPIÔNICO:
REPRESENTAÇÕES, COTIDIANO E *MODUS OPERANDI***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Área de concentração: História e relações de poder.

Aprovada em: 11/07/2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo (Examinadora 1)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Nadja Claudinale da Costa Claudino (Examinadora 2)
Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT-PB)

Ao meu pai e à minha mãe por todo companheirismo, amizade e por me possibilitarem estudar, à minha tia pelo incentivo na vida dos estudos e à minha noiva por todo apoio na minha trajetória acadêmica.

RESUMO

Esse trabalho empreende um estudo do cangaceiro Lampião e seu bando, passando por suas representações, com foco no *modus operandi* utilizado por eles no empreendimento de suas fugas e combates enfocando seu aspecto técnico e tático, no período compreendido como cangaço lampiônico (1922-1938). Além disso, estudaremos aspectos concernentes à vida e ao cotidiano cangaceiro. Para isso, dialogamos com os estudos de Mello (2013; 2019), Hobsbawm (2015), Claudino (2020) e Pereira (2000), a citar alguns. E utilizamos a análise de fotografias, relatos de ex-cangaceiros/as e integrantes das forças policiais, bem como revisão bibliográfica de autores que pensam a guerra, a guerrilha e o tema do cangaço de um modo mais geral. Logo, tomaremos o cangaço a partir de suas práticas cotidianas e combativas, refletindo sobre a presença de homens e mulheres cujas histórias nos chegam e que tiveram como líder Virgulino, o Lampião.

Palavras-chave: Cangaço. Lampião. Representações. Modus operandi.

ABSTRACT

This work undertakes a study of the cangaceiro Lampião and his band, going through their representations, focusing on the modus operandi used by them in the undertaking of their escapes and combats focusing on their technical and tactical aspect, in the period understood as the lampionic cangaço (1922-1938). In addition, we will study aspects concerning the life and daily life of the cangaceiro. For this, we dialogue with the studies of Mello (2013; 2019), Hobsbawm (2015), Claudino (2020) and Pereira (2000), to name a few. And we used the analysis of photographs, accounts of ex-cangaceiros and members of the police forces, as well as bibliographic review of authors who think the war, the guerrilla and the theme of the cangaço in a more general way. Therefore, we will take the cangaço from its daily and combative practices, reflecting on the presence of men and women whose stories come to us and who had Virgulino, Lampião, as their leader.

Keywords: Cangaço. Lampião. Representations. Modus operandi.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Lampião fazendo uso de bornais.....	24
Figura 02 – Bando de Lampião, contabilizando 10 cangaceiros	25
Figura 03 – Bando de Corisco, subgrupo de Lampião, com 10 cangaceiros	25
Figura 04 – Maria Bonita e Dadá, respectivamente, portando revólveres	27
Figura 05 – Canário ladeado por dois cangaceiros em posição de tiro	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 LAMPIÃO, O LÍDER MAIOR DO CANGAÇO.....	11
2.1 O Bandido Vingador.....	12
2.2 A Teoria do Escudo Ético	15
2.3 Intersecção entre as Teorias e suas Representações	18
3 NOMADISMO CAATINGUEIRO E CONTINGENTE.....	23
4 AS FUGAS E OS COMBATES.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41
FONTES.....	43

1 INTRODUÇÃO

O cangaço é um tema tomado como objeto de estudo por diversos pesquisadores, sobretudo, no que tange ao seu contexto político, trazendo – em escopo – a abordagem do aparato repressivo do Estado contra esse fenômeno social.

No entanto, esta pesquisa não tem a intenção de trabalhar o estudo do fenômeno cangaço a partir da perspectiva explicitada no último parágrafo, busca algo muito mais pudico – entendê-lo não sob perspectivas de políticas de Estado, mas, compreender uma fração desse fenômeno, a partir do estudo de seus agentes históricos, seus comportamentos e o seu sobreviver, enquanto bandoleiros da Caatinga.

Contudo, há de se convir que, diante do recorte temático escolhido, ainda teriam que ser selecionados os agentes a serem objeto de minha perquirição, e, não é de se surpreender que os escolhidos são os cangaceiros mais afamados, falo aqui do grupo de Lampião ou, como por ele designado, bando.

A escolha desse grupo se dá por conta de maior arcabouço de informações quanto a esse, o que urge absolutamente devido a tratarmos aqui de um grupo de bandoleiros que estava sob forte perseguição das forças estaduais durante boa parte do tempo. Logo, eram obrigados a andar pelas sombras (metáfora não muito boa para um cenário como a Caatinga, onde o sol reina absoluto e a vegetação não fornece proteção confortante em sua maioria), escondidos.

Sendo assim, era de interesse desse e de grupos análogos, manter em confidência os aspectos a serem tratados neste artigo, a saber, o modo de fazer as atividades – o *modus operandi* –, estratégias e táticas de batalha e de fuga, além de algumas características do grupo escolhido, como o seu contingente.

Faz-se necessário ainda ressaltar outro aspecto imprescindível para que houvesse a escolha desse grupo em específico (dentre tantos outros possíveis): a sua relevância – sobretudo a do seu líder-mor – para o movimento do cangaço. Consoante a Frederico Pernambucano de Mello (2019, p. 34): “nesse mundo de despotismos incríveis, Lampião foi o paroxismo, a demasia, a culminância de tudo. Não há ficção que lhe chegue às alpercatas”, não à toa as duas últimas décadas do cangaço foram chamadas de “cangaço lampiônico”, período compreendido entre os anos de 1922 e 1938, de acordo com Maria Tereza de Melo Cavalcanti (2020). A propósito, dá-se nessa periodicidade nosso recorte temporal, tendo como *lócus* o sertão nordestino.

Portanto, já recortado o grupo, o local e o tempo que será alvo de análise, resta dizer como ela se dará. Para o fim da investigação dos pontos anteriormente citados, foi feita a utilização e cruzamento de bibliografia especializada sobre o assunto, e a partir dela, de fontes documentais escritas (jornais, revistas, relatórios), também fotografias. Também acessamos relatos orais (a partir da plataforma de vídeos YouTube) de componentes das forças volantes e ex-cangaceiros pertencentes ao grupo do segundo líder mais biografado das Américas, atrás apenas de Che Guevara, figura que também será citada nesse artigo.

Ademais, a escrita do trabalho se dará em uma perspectiva de afinamento, pegando de empréstimo a ideia de “cone” da obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994), de Ecléa Bosi. Inspiradas na sua ideia de “cone” da memória, todas as partes do texto se dão numa ideia de compreensão gradual do grupo de Lampião, começando por aspectos mais abrangentes do cangaceiro – em questão teórica – e depois seguindo em aprofundamento da sua forma de agir – *modus operandi* – nas fugas e combates empreendidos; passaremos também por alguns aspectos da estrutura e do cotidiano deste bando.

2 LAMPIÃO, O LÍDER MAIOR DO CANGAÇO

Para entender os aspectos pretendidos por esse estudo, urge que se entenda o seu líder-mor, o cangaceiro Lampião, ou melhor, aquele que foi registrado como *Virgulino Ferreira de Silva* (MELLO, 2019).

Antes de tudo, tratarei de explicitar o caráter meramente analítico nesse trabalho das características do objeto de estudo, não constituindo o objetivo de enaltecer o abordado, como muitas vezes as adjetivações possam fazer parecer.

Virgulino Ferreira da Silva, como escrevia – cedendo à oralidade, conforme Mello (2019) – foi uma figura enigmática. Alfabetizado em um meio onde grande parte da população era ágrafa, homem preocupado com a aparência e a imagem, de técnicas e táticas diversificadas, “cérebro” do cangaço nos anos de 1922 a 1938 – período compreendido como cangaço lampiônico (CAVALCANTI, 2020). O que poderia, então, explicá-lo?

O historiador Eric Hobsbawm (2015) entende os cangaceiros dentro de seu conceito de bandidos sociais. Os bandidos sociais são aqueles que, mesmo encarados como criminosos pelo Estado, continuam a fazer parte de sua comunidade camponesa de origem, vistos por ela como heróis, vingadores, justiceiros, “talvez até mesmo vistos como líderes da libertação” (HOBBSAWM, 2015, p. 29). Sendo admirados e ajudados, dessa forma, pela sua comunidade e, caso uma sociedade tradicional esteja passando por mudanças, até mesmo pelos detentores do poder local.

Para Hobsbawm (2015), é essa relação do camponês com os bandidos sociais que dá caráter especial ao banditismo social. Ainda, é importante ressaltar que o bandido social se diferencia também por sua visão acerca da sua comunidade de origem (uma visão de pertencimento), ao passo que o ladrão comum ou grupos “profissionais” de bandidos os veem como vítimas potenciais.

Todavia, há ressalvas e os conceitos podem se misturar, pois, a título de exemplo, um bandido social, que não rouba dos camponeses da sua localidade, atuando como bandido social na localidade onde vive, pode vir a roubar camponeses de outras localidades. Por conseguinte, ele seria um bandido social em sua terra, mas um mero ladrão em outras regiões; como exemplo, os próprios cangaceiros efetuavam roubos e extorsões a outros camponeses.

Hobsbawm (2015) também explica os fatores que favorecem o aumento do

banditismo social, e os vemos notadamente no Sertão nordestino, sendo eles a pobreza extrema e as crises econômicas, muitas vezes ocasionadas pelas secas (no caso do Sertão – palco maior do nosso estudo). Outros fatores favorecedores são locais nos quais as figuras de autoridade são assentadas na própria zona onde exercem seu poder, fazendo, assim, com que em uma fuga de poucos quilômetros saia da zona de influência dessas – tática muito utilizada por Lampião, como veremos em tópico posterior.

2.1 O Bandido Vingador

O historiador inglês Eric Hobsbawm (2015) classifica os bandidos em três formas principais: o ladrão nobre, o *haiduk* e o vingador. Pertinente ao nosso trabalho, temos o vingador, e é nesse espectro que o autor classifica o cangaceiro Lampião, podendo ser estendido a outros cangaceiros, dadas as suas características.

A moderação ao matar e agir com violência faz parte da imagem do bandido social”. No entanto, essa regra não está presente no bandido vingador. Essa figura do bandido vingador está intimamente ligada à morte e à crueldade, diferente do bandido social que tem sua imagem associada a “moderação ao matar e agir com violência (HOBBSAWM, 2015, p. 64).

Eles, os vingadores, são considerados “heróis” (entretanto, não “heróis bons”), não apesar de suas ações, mas por causa delas. Essa figura não é vista como um agente de justiça, mas de vingança. Ele não reparador de ofensa, é um vingador, executor de poder.

Entretanto, apesar do mito do “Robin Hood”, ainda tendo o cordel como fonte, não há registro contido nele de grandes generosidades por parte dos cangaceiros com os pobres. Entretanto, o que mais há são menções à sua crueldade: assassinatos, torturas, etc. Há um relato, inclusive, de que Lampião chegou a obrigar uma pessoa a comer um quilo de sal, assim, matando-o cruelmente.

“Causar terror e ser impiedoso é um atributo mais importante para esse bandido do que ser amigo dos pobres” (HOBBSAWM, 2015, p. 67). O terror é o aspecto central desse tipo de bandido. Entretanto, apesar das crueldades que fazia, ele levava consigo uma espécie de “moralidade sexual”, pois proibia o estupro e castrava estupradores. Contudo, apesar dessa afirmação de Hobsbawm da moralidade sexual, Lampião e outros cangaceiros não deixaram de praticar crimes sexuais, portanto, uma

moralidade que fica só no campo discursivo.

Conclui-se, então, que

“A violência excessiva e a crueldade são, portanto, fenômenos que só coincidem com o banditismo em certos pontos. Não obstante, são suficientemente significativos para exigirem alguma explicação como fenômeno social” (HOBSBAWM, 2015, p. 68).

Portanto, extrai-se desse tipo de bandido a violência excessiva e a crueldade, mas um ponto fica obscuro: o porquê de tudo isso. O autor dá dois motivos possíveis, o primeiro diz que “os bandidos vivem de amor e de medo. Inspirar apenas amor é fraqueza. Quando inspiram apenas medo, são odiados e não têm quem os ajude”. Em outras palavras, até mesmo o melhor bandido deve demonstrar que pode ser “terrível” (HOBSBAWM, 2015, p. 69); o segundo diz que “a crueldade é inseparável da vingança, sendo esta uma atividade inteiramente legítima para o mais nobre dos bandidos” (HOBSBAWM, 2015, p. 69).

Dialogando com a questão de ser preferível ser amado ou temido, Nicolau Maquiavel – em sua mais popular obra – diz: “na minha opinião, conviria ser ambas as coisas. Dada, porém, a dificuldade de preencher alguém esse duplo requisito, o mais vantajoso é ser temido” (MAQUIAVEL, 2019, p. 103), pois “os homens, além disso, têm menos receio de ofender alguém que se faça amar do que alguém que se faça temer” (MAQUIAVEL, 2019, p. 104).

A violência, portanto, é inerente ao bandido social vingador, pois é a única forma eficiente de alcançar a retaliação contra os opressores, pois esses estão em um complexo sistema que os protegem: poder, riqueza, local acima na estrutura social. Portanto, esse tipo de violência é evidente em sociedades onde há grupos particularmente humilhados/oprimidos, como exemplo as sociedades de racismo institucionalizado. “Em tais circunstâncias, mostrar poder, qualquer poder, constitui um triunfo. A morte e a tortura são a afirmação mais primitiva e pessoal de poder supremo, e podemos supor que quanto mais fraco o rebelde admite intimamente ser, tanto maior será a tentação de afirmar-se” (HOBSBAWM, 2015, p. 70).

Deve, ainda, ser ressaltado que a violência pode ultrapassar limites completamente fora do aceitável, quando há uma transformação social rápida, causando a destruição dos mecanismos tradicionais de controle e, portanto, causa a anarquia destrutiva.

Passada essa explicação sobre a crueldade e violência e seus porquês, voltemos às rixas familiares, lembrando que essa parte dialoga especialmente com o *cangaceirismo* – inclusive, Lampião teve seu início no cangaço por conta de rixas familiares.

Atinente a essas rixas, há um fenômeno conhecido que faz com que elas, que geralmente são resolvidas por acordos como casamento interfamiliar entre outros, “saíam do controle”, sendo ele a intervenção do Estado ou de alguma outra força de poder relevante, fazendo, assim, com que os assassinatos passem a durar por mais tempo, cessando apenas com o fim de uma das famílias ou um acordo – após um prolongado período de conflito desnecessário, como foi o caso da rixa da família Ferreira (de Lampião) com a família Nogueira, atravessada pelo Estado e que, diante de absolvição dos crimes da família Nogueira contra os Ferreiras, os conflitos se prolongaram.

Falando dos “filhos da violência”, elaborados dessas relações tensas de poder, Hobsbawm cita o autor Monsenhor Germán Guzmán, sendo percebidos alguns aspectos correlatos à história de Lampião, que citarei a seguir:

Rompe-se o binômio homem-terra, que é vital para o camponês. Ele não cultiva a terra nem se importa com as árvores (...). É um homem quase menino, sem esperança (...). Sua existência transcorre em um ambiente de incerteza, de permanentes fantasias de aventuras, de realização pessoal em empreendimentos mortais, sem significado transcendente (...) perde a ideia da fazenda como uma âncora, um lugar para amar, que lhe dá sossego interior, sensação de segurança, sentido de permanência (...). Sua situação de fora da lei traz consigo a instabilidade, o desapego. Para ele, parar, assentar-se equivale a se entregar, a aceitar o fim (...) perde a concepção da estrada como elemento integrante da vida camponesa. O montanhês ama suas trilhas, percorridas vezes sem conta até que se transformam em uma coisa intimamente sua (...). Esse amor faz com que ele vá e volte sempre por elas. Nosso bandido antissocial moderno deixa a estrada conhecida porque a tropa o persegue ou porque a tática de guerrilha o obriga a procurar sendas insuspeitas e atalhos ocultos para o ataque de surpresa (GUZMÁN, 1961 apud HOBBSAWM, p. 72).

Em relação aos “filhos da violência”, o historiador inglês acredita que “só a ideologia ou uma disciplina férrea impedirá que em tais circunstâncias os homens se degenerem em lobos, mas nem uma coisa nem outra caracterizam o rebelde rural” (HOBBSAWM, 2015, p. 73), deixando quase que implícito que essa ideologia é a marxista, devido ao conflito de classes estar diretamente ligado à conceituação do banditismo social.

Portanto, concluindo essa questão da violência, da crueldade, é imprescindível

entender que esses fatores estão relacionados com a vingança e inseparáveis dela, a vingança pessoal ou a vingança contra pessoas que oprimiram outras.

2.2 A Teoria do Escudo Ético

A teoria do escudo ético, elaborada por Frederico Pernambucano de Mello (2013), constitui-se do argumento de que grande parte dos cangaceiros faziam uso do objetivo de vingança como mascaramento para que a sua vida no mundo da criminalidade fosse vista como um meio para o seu objetivo final, sendo, desse modo, validada e bem-vista.

Todavia, tendemos a pensar: por que esse fim justificaria a vida no crime? Para chegar a uma resposta para esse questionamento, Mello analisa o homem do ciclo do gado, o homem sertanejo, numa tentativa de traçar algumas características para ele, valendo-se das vozes também de outros estudiosos.

Esse homem é, portanto, de acordo com Frederico Pernambucano (2013), no plano do trabalho, um individualista, autônomo e improvisador, pois as atividades pecuárias requeriam isso, visto que não havia uma relação mais coletiva de trabalho, sistematização ou uma protocolização de certa atividade, sendo assim, ele era autônomo e obrigado a improvisar.

Ainda, há detalhes sobre esse homem que não devem ser deixados de lado: ele é mais combativo, rústico e tem mais bravura física, em oposição ao homem do litoral. Também é um apaixonado (embora não deixe transparecer), impetuoso, zeloso às coisas e pessoas a que ele está ligado, assim tendo um apego muito grande à família. Revela-se também hospitaleiro, generoso e franco – isso na visão um tanto determinista do autor.

Porém, tendo um desprezo enorme pelo furto, Graciliano Ramos (1975 apud MELLO, 2013) escreve que o maior crime que nessa região pode ser visto é o furto de gado, pois no cenário do sertão, exposto “à seca, à fome, à cobra, à tropa volante” (MELLO, 2013, p. 43), a vida humana tinha pouco valor, sendo muitas vezes perdoados os crimes contra essa, enquanto o furto de gado, um dos poucos patrimônios do sertanejo, era punido muitas vezes com morte.

Sobre o sertanejo, ainda é advertido por Fernando Denis que é marcado por uma “sede de vingança que não conhece limites” (DENIS, 1845 apud MELLO, 2013, p. 43), e, sobre o mesmo tema, o inglês Henry Koster diz que “essa gente é vingativa.

As ofensas muito dificilmente são perdoadas e, em falta de lei, cada um exerce a justiça pelas próprias mãos” (KOSTER, 1978 apud MELLO, 2013, p. 44). Com um discurso taxativo, Koster ainda constrói seu argumento ressaltando a ignorância do sertanejo e a crença em encantações e outras coisas místicas.

Em aparente concordância com os discursos de vingança, Mello (2013) fala que esse homem – por muito tempo sem conhecer a coerção do poder público, de patrão ou feitor – era dado às soluções violentas, notadamente nas questões ligadas à honra e ao orgulho pessoal, fatores de suma importância para o sertanejo. Portanto, devido ao isolamento, pois a colonização começou no litoral e lá permaneceu por muito tempo porque não havia motivo aparente para sair de uma zona que era economicamente viável, a menos que estivesse em fuga. O sertanejo, nessas linhas descritas, é construído discursivamente como retrógrado, envolto em uma estrutura política, moral, religiosa, política e econômica antiga, ultrapassada, visão inclusive ainda muito perpetuada até hoje.

A escritora Elise Grunspan-Jasmin imprime conclusão concordante com boa parte desses pontos, embora de um ponto de vista mais crítico:

O cangaço pode ser percebido como uma forma de mercenarismo a serviço dos coronéis locais; como expressão de uma barbárie atávica numa região atrasada; como um banditismo que impõe suas próprias leis, face à carência dos poderes públicos e à ausência de uma justiça imparcial na região, um banditismo de vingança e honra, uma revolta dos pobres contra o sistema latifundiário (GRUNSPAN-JASMIN, 2001, p. 66 apud CONTE, 2020, p. 98).

Além disso, há de se complementar, para fim da compreensão do homem do ciclo do gado, que “o desbravamento do sertão selecionaria um tipo de homem particularmente tenaz” (MELLO, 2013, p. 49). Em princípio tivemos um Sertão povoado por tribos indígenas, a que o desbravador do Sertão teve de fazer frente, segundo Wilson Seixas (1975 apud MELLO, 2013, p. 49). Houve também a ameaça de animais de maior porte que vitimavam o gado e traziam prejuízo, principalmente a onça. Essas ameaças - guerrilhas com índios, animais selvagens - e também criminosos cruéis e dissimulados fizeram o homem do Sertão *estar* naturalmente desconfiado. Sem cair em um determinismo naturalista muito presente no século XIX, entendemos que na origem dessa desconfiança está a dificuldade de se estabelecer amizade com esses sujeitos “de fora”; é possível que daí tenham surgido a necessidade das relações de compadrio, pois o “compadre” é equiparado ao “de

sangue”, em quem o sertanejo confia.

Dessa forma, Mello (2013) afirma que essas características formam o perfil do homem do ciclo do gado no sertão nordestino, sendo essas características essenciais para entender propriamente o cangaceiro e o seu chamado escudo ético. Deve ainda ser ressaltado que essas características são a resposta para um conjunto de estímulos ao qual esse homem foi submetido – e fruto de discursos sob ele historicamente construídos.

O mesmo autor compreende o cangaço como estando subdividido em três tipos ou funções: a) Cangaço Meio de Vida, b) Cangaço de Vingança, e c) Cangaço-Refúgio.

O Cangaço Meio de Vida é o mais notável dado que os cangaceiros mais afamados pertenceram predominante a este tipo, como Lampião e Antônio Silvino. Mello (2019) explica também que o cangaceiro pode pertencer a um tipo de cangaço no começo da vida e depois ir para outro tipo, como é o caso de Lampião; ele chama isso de *transtipicidade*. Neste tipo, o cangaço é profissão, os cangaceiros engajados nesse tipo de cangaço procuravam uma vida confortável economicamente, aventura, etc. Uma das marcas do Cangaço como meio de vida é a sua vestimenta imponente e rica em detalhes, e a permissão para a entrada de mulheres (documentada apenas no grupo de Lampião e subgrupos desse). É notável também que quem participa desse tipo de cangaço é o sujeito que mais tempo fica na atividade criminosa, pois essa constitui o seu meio de vida, além disso, eles são marcados também por percorrer diversos estados do Nordeste. A exemplo de Lampião, conforme Mello (2019, p. 38), este passou por “zonas rurais dos estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas, Bahia, Rio Grande do Norte e Sergipe”.

Já o Cangaço de Vingança diferencia-se bastante do do explicitado anteriormente, tiramos fora aqui todos os apetrechos estéticos, suas roupas eram “limpas”, sem adereços, não vemos aqui a entrada de mulheres, pois o cangaceiro engajado na atividade destrutiva da vingança via-se na companhia de alguns poucos companheiros de vingança e só. Logicamente, também há a diferença aqui do tempo reduzido desse tipo de cangaceiro na atividade criminosa, pois, logo que concluída a sua vingança, não fazia mais sentido para que ele permanecesse nela. Nota-se também a questão geográfica, ele não anda por mais de dois ou três estados, dado que ele só procura o seu objeto de vingança.

Há, por fim, o Cangaço-Refúgio. Esse é o cangaço com menor fama, pois os

cangaceiros deste são as pessoas que estão fugidas do poder privado ou público, procurando, assim, refúgio no cangaço. O cangaceiro que entra nesse tipo geralmente não é o mais bravo combatente, dedicando-se, não exclusivamente, a atividades secundárias dentro do grupo, como de suprimento, comunicação, cozinha. No entanto, caso necessário, ele também combatia.

Tendo estudado todos esses tipos e relacionando-os à moral e honra sertaneja, é notável que o Cangaço de Vingança era mais bem visto pelos sertanejos, e o aspirante a cangaceiro, sendo também um sertanejo, queria o status dessa figura que melhor se adequava às características da bravura sertaneja, tanto para preencher o seu interior, quanto para mostrar um sentido “nobre” para a comunidade sertaneja.

Por isso, o cangaceiro utilizava como escudo ético a vingança, o próprio Lampião a utilizou, ainda que pouco fizesse para pôr fim aos seus dois objetos de vingança, sendo ela usada apenas como escudo ético.

2.3 Intersecção entre as Teorias e suas Representações

Ao tentar explicar Lampião à luz dessas teorias, não posso deixar de instituí-las como construções imagéticas desse cangaceiro, como adverte Auricélia Lopes Pereira (2000). Todavia, tenho por obrigação fechar a linha de pensamento sobre a conceituação desse cangaceiro – enquanto bandido – com o objetivo, agora pretensioso, de entender esse homem em sua totalidade (ingenuidade consciente daquele que vos escreve). Afinal, “que se pode saber de um homem?” (SARTRE, 1971 apud MELLO, 2019, p. 34).

No entanto, a partir dessas duas teorias – que entendo que explicam parte de um todo mais complexo que constitui o cangaceiro Lampião – percorrerei essa vereda a que me propus.

Lampião é o corpo que se recusa à docilidade, segundo Auricélia Lopes Pereira (2000), que, como bandido, desafiou a ordem social, política e econômica (HOBBSAWM, 2015), envolvendo-se em confrontos violentos, “trabalhos” para coronéis e fugas exaustivas pela Caatinga. No entanto, esses confrontos não se deram somente no campo das armas, deu-se também no campo discursivo; nesse também era exímio (PEREIRA, 2000).

No campo discursivo, esse bandoleiro buscava em suas falas uma aproximação com os valores sociais para assim se afirmar, indo, dessa forma, de

encontro aos discursos contrários que o colocavam como hediondo, e o atribuíam características negativas.

Um dos aspectos mais notórios da dimensão discursiva de Lampião é o que Auricélia Lopes (2000) chama de “narrativa de origem” (como o cangaceiro explica a sua entrada para a vida da bandidagem), o que Frederico Pernambucano de Melo (2013) vem a entender como sendo o seu escudo ético. Essa dimensão discursiva está explícita, em entrevista concedida por Lampião ao médico do Crato-CE, Otacílio Macêdo, em Juazeiro do Norte no ano de 1926:

- Chamo-me Virgulino Ferreira da Silva e pertença à humilde família Ferreira do Riacho de São Domingos, município de Vila Bela. Meu pai, por ser constantemente perseguido pela família Nogueira e em especial por Zé Saturnino, nossos vizinhos, resolveu retirar-se para o município de Águas Brancas, no estado de Alagoas. Nem por isso cessou a perseguição.
- Em Águas Brancas, foi meu pai, José Ferreira, barbaramente assassinado pelos Nogueira e Saturnino, no ano de 1917.
- Não confiando na ação da justiça pública, por que os assassinos contavam com a escandalosa proteção dos grandes, resolvi fazer justiça por minha conta própria, isto é, vingar a morte do meu progenitor (O CEARÁ, 17 mar. 1926 apud DUTRA, 2011, p. 155).

Como vemos acima, em sua fala, Lampião demonstra sua “narrativa de origem” e seu “escudo ético”. Além disso, percebemos que Lampião usa a dimensão discursiva para construir uma imagem de si, restaurar-se, associando-se a valores temporalmente e localmente valorizados, congruente ao que traz Pereira (2000). O que pode ser observado em três falas, em que se associando a valores caros à sociedade, como ao respeito: “costumo, porém, respeitar as famílias por mais humildes que sejam, e quando sucedem algum do grupo desrespeitar uma mulher, castigo severamente” (O CEARÁ, 17 mar. 1926 apud DUTRA, 2011, p. 157); à coragem: “penso que Antônio Silvino foi um covarde, porque se entregou às forças de governo em consequência de um pequeno ferimento. Já recebi ferimentos gravíssimos e nem por isso me entreguei à prisão” (O CEARÁ, 17 mar. 1926 apud DUTRA, 2011, p. 157); à generosidade: “tudo quanto tenho adquirido na minha vida de bandoleiro mal tem chegado para as vultuosas despesas do meu pessoal – aquisição de armas, convindo notar que muito tenho gasto, também, com a distribuição de esmolas aos necessitados” (O CEARÁ, 17 mar. 1926 apud DUTRA, 2011, p. 169).

Outro aspecto dessa tática de associação dá-se na correlação estratégica dele às imagens regionais bem quistas e de influência regional com o objetivo de “romper

as zonas de estranheza e instaurar uma geografia comum, um lugar conhecido”, segundo Pereira (2000, p. 201-202), vista claramente quando ele faz uso das expressões “Viva o Padre Cícero” em sua escrita em terras cearenses – local de forte influência do clérigo.

Além desse aspecto associativo, tratava também, em seu discurso, de desvalorizar e deslegitimar o seu adversário, por vezes zombando, situação que se encaixa perfeitamente na leitura de Hobsbawm (2010) do banditismo, afirmando que ele “desafia simultaneamente a ordem econômica, a social e a política, ao desafiar os que têm ou aspiram a ter o poder, a lei e o controle dos recursos” (HOBBSAWM, 2010, p. 18). E podemos ver isso empregado, a título de exemplo, quando ele fala da força pernambucana: “atualmente existe um contingente da força pernambucana de Nazaré que está praticando as maiores violências, mais parecendo a força paraibana (...) polícia covarde e insolente” (O CEARÁ, 17 mar. 1926 apud PEREIRA, p. 181).

Outrossim, podemos ver em sua crítica ao governador:

O bandido do governador mandou esses macacos, dizendo que era para manter a ordem, no entanto vem causando a desordem, por que eu tenho nome de bandido, sei honrar as famílias. Sei roubar, ferrar e dar surras. E os macacos com os officiaes só sabem matar, roubar, espancar e desonrar. Eu graças a Deus, nunca desonrei, nem pretendo. Por prova, encontrei, uma vez, uma moça no mato juntando umas criações e procurei saber quem era seu pae e fui entregar a moça no mato sozinha, dava nelle uma grande surra, prá elle aprender a criar suas filhas, porque anda muitos macacos desonrados por ahi, e pegando uma moça assim, estão como querem (O CEARÁ, 15 mai. 1929 apud PEREIRA, 2000, p. 195).

Portanto, se vamos tentar entender o Lampião a partir de teorias e representações, essa dimensão discursiva, do fazer-se ou restaurar-se, na qual buscou compor a sua imagética como pessoa e como bandido, é condição *sine qua non*, pois nela conseguimos ver o próprio objeto de estudo, como dito, fazendo-se, enquanto representação, tomando voz em discurso.

Atentando agora para essa última citação, na qual Lampião fala do governador e dos combatentes da policial, notam-se pontos relevantíssimos: Lampião fala os tipos de alguns dos seus crimes e se reconhece como bandido.

Para abordar esse ponto do bandido, foram abordadas ao longo desse artigo duas teorias e dois teóricos: Frederico Pernambucano de Mello (2013), explicando os aspectos formadores do homem do ciclo do gado no Nordeste – lugar social do cangaceiro – e também a sua teoria do escudo ético, e Hobsbawm (2015), definindo

o que ele chama de “bandido social”.

Portanto, à luz dessas duas teorias, busca-se aqui um entendimento (ou uma outra versão deste) sobre o cangaço Lampião, ele, que, como dito, possui uma motivação inicial para entrada no cangaço – explicitada no campo discursivo – que o encaixa na categoria de bandido social vingador de Hobsbawm (2015) e de Cangaço de Vingança de Mello (2013), isso levando em conta os seus primeiros anos no cangaço.

Entretanto, Lampião não permaneceu como um bandido vingador ou membro do Cangaço de Vingança durante todo seu período no banditismo. Consoante a Mello (2013), Lampião mudou de integrante de Cangaço de Vingança para o Cangaço Meio de Vida, o que Frederico Pernambucano vem a chamar de “transtipicidade” – mudança de um tipo para outro, como vimos. Em suma, Lampião foi bandido social vingador no início de sua “carreira”, mas acabou por se tornar um cangaceiro do Cangaço Meio de Vida.

Congruente a isso, o próprio Lampião, em entrevista já citada, responde à pergunta de por qual motivo permanecia no cangaço com uma nova pergunta, que diz mais que muita resposta:

- Se o senhor estiver em um negócio e for se dando bem com ele, pensará em abandoná-lo?
- Está claro que não! – responde o jornalista. O bandido arremata:
- Pois é exatamente o meu caso, porque vou-me dando bem com este negócio ainda não pensei em abandoná-lo (O CEARÁ, 17 mar. 1926 apud MELLO, 2013, p. 118).

Ressalta em outra parte da mesma entrevista, agora invocando seus inimigos como justificativa (note aqui também a associação ao valor coragem, relacionando à sua estratégia no campo discursivo):

Até agora não desejei abandonar a vida das armas, com a qual já me acostumei e sinto-me bem. Mesmo que assim não sucedesse, não poderia deixá-la, porque os inimigos não se esquecem de mim, e por isso eu não posso e nem devo deixá-los tranquilos. Poderia retirar-me para um lugar longínquo, mas julgo que seria uma covardia, e não quero nunca passar por um covarde (O CEARÁ, 17 mar. 1926 apud DUTRA, 2011, p. 157).

Percebemos, portanto, por meio desses trechos, que Lampião já tinha o cangaço como “negócio” nessa etapa da sua vida – no ano de 1926 –, e não pretendia largá-lo, mantendo-se fiel a isso até a sua morte, afirmação com base na quantidade

farta de munição que foi encontrada em seu coito na gruta do Angico (local de sua morte), conforme Mello (2018), denotando, assim, que não pretendia fugir e se esconder, como outros cangaceiros fizeram, como fez seu primeiro chefe de grupo – Sinhô Pereira. Pretendia continuar seu reinado, afinal, ali ele era rei.

Entretanto, surgem ainda mais questões: sendo posto o cangaceiro Lampião e o cangaceiro – no geral - sob a luz dessas duas teorias, pode-se entender um pouco dele, bandido social, como agente histórico. Hobsbawm (2015) ressalta que não devemos encarar o banditismo social como uma força histórica menor. Sendo assim, o tema do banditismo deve ser investigado com afinco, e, em meio a busca para entender esse cangaceiro, erguem-se outras interrogações: como um homem conseguia fugir do aparato repressivo do Estado – notadamente mais forte, por conta da sua capacidade bélica e de mobilização de tropas? E, por conseguinte, como era a sua vida em fuga? Essas são algumas perguntas geradoras a serem abordadas nos próximos tópicos.

3 NOMADISMO CAATINGUEIRO E CONTINGENTE

O bando de Lampião era o que podemos enquadrar como um grupo nômade, de locomoção realizada majoritariamente a pé (cavalos eram usados raramente), sobre as alpercatas – calçado indispensável para o cangaceiro (BALÃO s/d apud REALIDADE, 1973). Esse, quando em fuga, caminhava quilômetros e quilômetros em meio à Caatinga, portanto, um bom calçado era essencial para o êxito das fugas empreendidas, que por vezes duravam dias. Dessa forma, o cangaceiro se via obrigado a carregar consigo tudo o que era de primeira necessidade, carregava no corpo o seu “armário” – os chamados bornais, consoante Mello (2019).

Esses bornais, como dito, carregavam de tudo: comida, carne, farinha, munição. Tudo devidamente acondicionado, e obedecendo uma ordem para que se tornasse mais confortável, ou menos desconfortável, a sua carga pelo cangaceiro, a exemplo das munições. As munições, por serem objetos rígidos, se carregadas em bernal em contato com o corpo do caminhante, iam causando desconforto com as sucessivas “pancadas”, que acontecem a cada passo ou corrida; por esse motivo, elas eram carregadas sobre outros bornais, servindo para elas como um travesseiro, e fornecendo, assim, maior conforto para o cangaceiro.

Entretanto, não é de se deixar de lado a ressalva do “menos desconfortável” feita no último parágrafo, pois os bornais carregados pelos cangaceiros, dispostos em “x” sobre seu tórax (conforme pode ser visualizado na Figura 01), tinham peso variando entre 20 e 25 quilos, segundo Mello (2019). Relativo a essa carga, Mello (2019) ainda conta caso interessante ocorrido em visita do grupo de Lampião à Capela, Sergipe:

Em meio a viagem que o trouxera dos sertões baianos, Lampião permite a pesagem de seu equipamento, satisfazendo prazerosamente a curiosidade popular que o rodeia na ocasião. A balança do armazém faz cair o queixo aos presentes: 29 quilos, sem as armas branca e de fogo, vazios os depósitos de água (MELLO, 2019, p. 33).

Figura 01 – Lampião fazendo uso de bornais



Fonte: Portal Brasileira Fotográfica (2022)

Observando o peso desses bornais, é fácil dizer que houve problemas nesse traslado pelos sertões. Por resultado da carregada desse pesadíssimo “armário”, os cangaceiros logo desenvolviam calos na parte superior dos ombros, os chamados “calos de bornal”, que o denunciavam. Esses “calos denunciadores” eram procurados pelos policiais às apalpadelas nas abordagens em feiras, praças, etc. Até por conta disso, o cangaceiro via-se na dificuldade de ocultar-se em meio à população das manchas urbanas, assim era jogado cada vez mais para a Caatinga (MELLO, 2013).

E, a vida na Caatinga não era fácil, fome e sede eram comuns até entre os cangaceiros, muitas vezes estando com a bolsa cheia de dinheiro, mas a barriga roncando e a boca sem uma gota d’água (NEGREIROS, 2018).

Contudo, apesar desses empecilhos, Lampião conseguiu recrutar e reunir contingente considerável. Ele tinha em sua formação em torno de 15 a 50 cangaceiros, segundo ele mesmo em 1926, mas que chegou até 125 (VILLELA, 1995) nessa mesma época, na qual o recrutamento se fez fácil por conta do verniz da legalidade em que estava envolto o cangaceiro, enquanto combatente do batalhão patriótico.

No entanto, com o aumento da repressão policial por parte dos estados, logo após a passagem no batalhão patriótico (1926), o bando diminuiu substancialmente, seus integrantes vindo a girar em torno de pouco menos de 15 cangaceiros, dividindo, agora, os cangaceiros remanescentes em sub-grupos, cada bando com seu chefe

imediato e área de atuação, sendo Lampião ainda o chefe mediato (VILLELA, 1995).

Como chefe, Lampião muitas vezes incumbia-se da nomeação dos novos adeptos ao grupo, o paisano que sai da vida comum e cotidiana e envereda para o cangaço pelos mais variados motivos logo perde seu nome e torna-se conhecido pelo seu vulgo, alcunha, apelido.

No entanto, Lampião de forma ardil fazia uso da nomeação de novos integrantes do grupo com o nome de cangaceiros mortos em combates recentes, com o objetivo de enganar as forças volantes, contradizendo as suas informações frente à opinião pública e desmoralizando, assim, as forças. Ou simplesmente como Lampião pregava, segundo Mello (2019, p. 91), “pra não dar gosto a macaco”.

Figura 02 – Bando de Lampião, contabilizando 10 cangaceiros



Fonte: Portal Brasileira Fotográfica (2022)

Figura 03 - Bando de Corisco, subgrupo de Lampião, com 10 cangaceiros



Fonte: Portal Brasileira Fotográfica (2022)

Notemos alguns detalhes explícitos nas fotos. Vemos cangaceiros em posição de descanso (Figura 2), no entanto, mostravam-se ainda assim imponentes, dada a ostensividade de seus trajes e a aura de que se envolviam pela natureza do seu *modus operandi*. Contudo, na Figura 3, vemos ainda maior imponência dos cangaceiros, que, na pontaria de suas armas longas, fazem posição de combate.

Percebe-se também o caráter de dominação do campo discursivo (já apresentado no decorrer destas páginas). Os cangaceiros sabiam que por meio desses registros fotográficos seriam vistos midiaticamente, no entanto, faziam poses que demonstram força e imponência. Portanto, faz-se a única ilação clara: era assim que queriam ser vistos.

Além disso, há um outro ponto de suma importância que se torna claro ao visualizar essas figuras. Trata-se da inclusão de mulheres nos bandos, inclusive, ocupando a parte central da fotografia (Figura 2), encontramos a pessoa de Maria Gomes de Oliveira – A Maria Déa, Maria do Capitão, Santinha – a primeira cangaceira a ser incluída no grupo de Lampião e companheira do próprio.

Tendo Maria Bonita (nome não utilizado em sua época pelos seus asseclas) como precursora, sua entrada no cangaço data de 1930, escancarando as portas para entrada de outras mulheres no grupo de Lampião, sendo essa uma inovação, pois até então não havia mulheres entre os cangaceiros.

A entrada de Maria, de acordo com o que consta, foi uma entrada consentida, ou seja, Maria quis entrar para o grupo e acompanhar Lampião maritalmente nas suas andanças (CLAUDINO, 2020). Entretanto, não foi essa a totalidade dos casos. Muitas cangaceiras entraram para o cangaço coercitivamente, o exemplo mais utilizado para exemplificar esse fato é o da cangaceira Dadá – Sérgia Ribeiro da Silva, que entrou para o cangaço após ser raptada e violentada por Corisco (NEGREIROS, 2018).

Essas duas personagens constroem a dicotomia da mulher no cangaço, pois temos divergências já no modo de entrada de ambas nos seus respectivos bandos: Maria, por amor, segundo grande parte dos discursos; Dadá, pela dor, sofrendo a mais horrendas das violências. No que vieram a se diferenciar também na sua vida dentro do cangaço, é atribuído a Maria o arquétipo da rainha, cercada de mimos e pouco afeita ao trabalho; enquanto à Dadá, o discurso que prevalece é o da mulher forte e guerreira.

Figura 04 - Maria Bonita e Dadá, respectivamente, portando revólveres



Fonte: Negreiros (2018)

Contudo, esses discursos são alvo de questionamentos e problematizações entre os pares, como é o caso da pesquisa realizada pela historiadora Nadja Claudino (2020) em *Maria Bonita: entre o punhal e o afeto*. No entanto, apesar de haver os discursos que buscam separar Maria Bonita e Dadá, trataremos do que as une: a vida cotidiana das mulheres dentro do cangaço.

Sobre os aspectos mais cotidianos, uma questão abordada com frequência é a das mulheres combaterem ou não dentro dos seus bandos. O combater pode ser alvo de espanto como aspecto cotidiano, contudo, falamos do cotidiano de um grupo bem específico, um grupo guerreiro, portanto esse era um dos aspectos mais naturais do seu cotidiano.

Para responder a essa questão, iniciando pela análise das imagens acima, observamos as mulheres utilizando o traje tradicional de batalha das cangaceiras, em brim espesso, para se protegerem dos espinhos das caatingas. No entanto, também se nota a total inexistência de armas longas na apresentação das cangaceiras, existindo apenas armas curtas, revólveres (como pode ser visto na Figura 04). Todavia, também poderiam portar pistolas, que eram utilizadas para a defesa dessas cangaceiras e para os “tiros de localização” (tiros para cima utilizados para que os cangaceiros que se perdessem do bando na loucura dos tiroteios pudessem ser

localizados por este).

Deduzimos pela fotografia que a presença apenas de armas curtas é um vestígio nos que nos leva à afirmação de que as cangaceiras não faziam parte da linha de frente dos combates, pois beiraria o absurdo colocar um(a) combatente em desproporcionalidade bélica tão grande no *front*, pois o calibre, a taxa de disparos e a precisão fazem as armas curtas perderem em muito para as armas longas.

Contudo, apesar de não guerrearem, as mulheres tinham funções dentro do grupo e o fato de, em regra, não guerrearem não torna fácil a vida dessas mulheres no cangaço. Muito longe disso. Lembre-se sempre: sertão nordestino, caminhadas extenuantes por quilômetros e mais quilômetros, sol escaldante, sede e fome, e tudo isso carregando duas dezenas de quilos “nas costas”, era esse o cenário em que elas estavam inseridas, conforme relatos de Sila e Adília (s/d apud A MULHER NO CANGAÇO, 1976).

Em conformidade ao disposto sobre o uso das armas curtas e o guerrear ou não das mulheres, temos o depoimento de Sila (s/d apud A MULHER NO CANGAÇO, 1976):

Nós não brigávamos, nós andava com uma mauser para se defender, porque às vezes a gente saía fora deles num tiroteio e era muito comum acontecer isso. Mas a gente andava com uma mauser para se defender, para atirar, se um coiteiro ou outro paisano qualquer viesse ao lado nosso, nós tinha uma mauser para se defender. Mas na hora do tiroteio nós não brigava, não.

Contudo, houve a exceção de Dadá, que chegou a combater na frente – já após 1938, ano da morte de Lampião, Maria Bonita, outros nove cangaceiros e um policial na grota do Angico (SE). Dadá conta que por ocasião de seu companheiro, Corisco, ter sido incapacitado de usar armas por ferimentos nos dois braços em combate com as forças em sua frente, ela, após descarregar diversos carregadores da sua arma curta na direção das volantes, toma para si o fuzil do seu companheiro e troca tiros até conseguir fugir dali com ele (s/d apud A MULHER NO CANGAÇO, 1976).

Em se tratando das funções das mulheres dentro do grupo, consoante Dadá (s/d apud A MULHER NO CANGAÇO, 1976), era uma vida aparentemente como uma dona de casa comum (mas sob os auspícios de uma vida nômade), devendo respeito primeiramente ao seu marido. Segundo ela, a função de cozinhar era atribuída aos homens, mas ela fazia costuras e auxiliava nas atividades rotineiras, como a distribuição de comida.

Desse depoimento de Dadá, conseguimos retirar uma cangaceira que era companheira e amante, além de uma dona de casa sem casa. E aos homens era atribuída a função de cozinhar e acrescenta-se ainda às funções dos cangaceiros o cuidar dos feridos em combate, o combater, o lavar sua própria roupa, a guarda dos coitos, a costura – era uma arte executada tanto por homens quanto por mulheres. Segundo Mello (2019), o próprio Lampião “conhecia a fundo a arte da costura em pano e em couro, o que o aproxima do homem curraleiro dos primórdios da colonização sertaneja, arredado nos grotões de existência autárquica, a se prover com as próprias mãos à míngua de auxílios” (MELLO, 2019, p. 41).

Como companheiras e amantes, no acompanhar de seus companheiros nas noites escuras dos coitos, sobre um pano estendido no chão e em cima de suas cabeças outro de tipo similar, formando a barraca (chamada de tolda por eles), ali viviam suas intimidades consentidas. Decorrente disso, um fato social, importantíssimo e inevitável, é a gravidez, que trazia com ela outras implicações, conforme expõe Negreiros (2018, p. 57):

Como não utilizavam métodos contraceptivos e precisavam estar disponíveis para seus homens, as cangaceiras podiam pegar barriga a qualquer momento. Uma vez que os filhos nascessem, deveriam passá-los adiante, na primeira oportunidade. Frágeis recém-nascidos não combinavam com a bruta rotina do cangaço, entre espetadas de sol e chuvas de tiro. Ademais, o choro denunciaria a presença dos bandoleiros para as forças oficiais.

Com relação ao repasse dos filhos, trata-se de um martírio a que a cangaceira tinha de se submeter para se manter no grupo. A ex-cangaceira Sila (s/d apud A MULHER NO CANGAÇO, 1976) se refere à entrega do seu filho com os olhos marejados, como “a maior tristeza que eu tive na minha vida” e Dadá, de modo similar, como “a maior dor do mundo” (Dadá, s/d apud NEGREIROS, 2018, p. 56).

Não obstante a isso, trago o relato do ex-cangaceiro Deus-te-guie (s/d apud FEMININO CANGAÇO, 2016) sobre a sua visão da mulher no cangaço em resposta à pergunta sobre se as mulheres causavam problemas:

Problemas não, não criavam, não. (...) A mulher viajava normal com o homem, a não ser que ela estivesse doente, ou tivessem problema de gestação, mas, a não ser isso, era normal, mulher é como um homem qualquer, para andar. Anda como um homem qualquer. Principalmente, a mulher sertaneja, né? A mulher sertaneja é um homem, anda aí... 10 léguas, 15 léguas.

Nesse depoimento, há a afirmação de que mulher convivia normalmente nas suas andanças. Contudo, a afirmação com o intuito de elogiar que Deus-te-guie faz às cangaceiras com “a mulher sertaneja é um homem” revela um aspecto de hierarquização de gênero, pois a mulher não está sendo avaliada a partir de suas atitudes como mulher, ela é avaliada nessa colocação a partir da aproximação com o masculino, em atitudes ditas masculinas, numa “valorização subordinada à masculinidade” (CLAUDINO, 2020).

Por fim, nessa breve análise do nomadismo e do contingente do grupo, foi apresentado o *modus operandi* – nomadismo catingueiro – (essencial para compreender o próximo tópico, na natureza das fugas e dos combates empreendidos), além de apresentar um pouco do chamado contingente, com algumas considerações a respeito do cotidiano dos homens e mulheres que o formavam em suas funções, atividades rotineiras – e até no amor.

4 AS FUGAS E OS COMBATES

A vida nômade de Lampião propiciava uma difícil busca e combate por parte das forças volantes a esse grupo. Combater um inimigo que tem base fixada em um local é uma coisa, podem ser criadas, demoradamente, táticas elaboradas para combatê-los, cercá-los, e minar-lhes os recursos é uma das opções. No entanto, combater um inimigo nômade é muito diferente, muito mais difícil. Tratamos aqui de um jogo de gato e rato que não termina facilmente.

Por resultado desse nomadismo, Lampião contava com a vantagem de um “território em movimento”, segundo Villela (1995), nunca estava no mesmo lugar, sendo assim, era difícil achá-lo. Em resposta, as forças policiais contavam com as informações que conseguiam obter da população da localidade e com o chamado “rastejador” como força essencial na caça a esse cangaceiro e seu bando.

O “rastejador”, diferente do que o nome sugere, não é aquele que rasteja, o “rastejador” é o que podemos chamar de “rastreador”. Ele tem a tarefa de guiar as forças volantes ao encontro dos bandos de cangaceiros, e, para isso, observa as pegadas, pedras fora do lugar, galhos quebrados, linhas de tecido na vegetação (pois podem ter sido retiradas do choque das roupas ou dos bornais com a vegetação), até mesmo o céu era utilizado pelo “rastejador” (VILLELA, 1995).

Em contraponto, o grupo de Lampião tinha técnicas para esconder os seus rastros: os cangaceiros apagavam as suas pegadas com o último na fila da caminhada andando com um ramo de árvore em mãos; dessa forma, ele ia passando no chão e apagando-as (VILLELA, 1995). Outra técnica para enganar o rastejador era pisar na mesma pegada daquele que fazia a ponta da fila, nessa técnica, a ordem da fileira obedecia à ordem do tamanho dos pés, “os que calçavam número maior vinham atrás” (VILLELA, 1995, p. 117).

A cangaceira Sila, segundo Villela (1995), diz também que os cangaceiros “tinham o cuidado de recolocar as pedras” (SILA s/d apud VILLELA, 1995) em seus devidos lugares, atentando ainda para “lixo jogado fora, pedaços de roupas, linhas soltas de embornais presos” (SILA s/d apud VILLELA, 1995, p. 116) na vegetação, etc.

Outra técnica interessante que o grupo de Lampião utilizava-se para se ocultar, evitando o sobrevoo de urubus – sinal utilizado pelos “rastejadores” para localizar os cangaceiros -, era “enterrar os restos de alimentos” (CLAUDINO, 2020, p. 20),

principalmente quando o caso era ocultar vísceras e carcaças de animais abatidos para o consumo do bando.

Contudo, “Lampião não era perito apenas em esconder rastros: a pena de morte infalível para quem lhe revelasse os passos dava-lhe o poder de ocultar rumos” (MELLO, 2019, p. 113), por isso a regra era a “lei do silêncio”, e muitos sertanejos não os delatavam por medo de represálias.

Outro aspecto que Lampião se utilizava para facilitar a sua fuga, muito mais complexo que as técnicas de apagamento de rastros e confusão por meio das pegadas, era uma forte rede de contatos e de informações, evidenciada por ele mesmo, como podemos observar em:

- Ainda é de notar que tenho bons amigos por toda parte, e estou sempre avisado do movimento das forças.
- Tenho também excelente serviço de espionagem, dispendioso, mas utilíssimo (O CEARÁ, 17 mar. 1926 apud DUTRA, 2011, p. 169).

Por conta dessa rede de contatos e informações, Lampião tinha sua maior distinção: evidenciava-se, assim, por meio da rede de contatos o dote logístico do líder cangaceiro, Lampião trazia para o grupo o que havia de melhor em armas e equipamentos, munições novíssimas, alpercatas de primeira, entre outras coisas. Isso tudo por meio dos chamados coiteiros – pessoas que davam coito ao cangaceiro.

Coiteiros esses que foram definidos pelo coronel João de Sá, chefe político de Jeremoabo e acusado de coiteiro por Volta Seca – ex-cangaceiro de Lampião, como sendo de duas categorias:

A dos que recebem os bandidos, alimentam-nos e deixam de comunicar a presença dos mesmos à polícia; e a dos que tiram proveitos, transigem com eles, compram-lhes armas e munições, víveres e roupas, vão colher informações nas feiras e indicar-lhe as possíveis vítimas. Estes são criminosos tão repelentes como os bandidos (NEGREIROS, 2018, p. 95).

João de Sá considera uma terceira categoria: a dos que “em defesa dos seus bens, das suas propriedades, de sua família enviam aos bandoleiros quantias que lhes são exigidas”. E finalizou dizendo: “por três vezes já me vi nessa emergência” (NEGREIROS, 2018, p. 95).

Contudo, apesar da rede de contatos de Lampião ser importantíssima, não menos importante era a rede de informações, visto que ela fornecia as atualizações sobre os passos das forças que o perseguiram, podendo, assim, se esquivar com

facilidade.

Essa rede é evidente em trecho de Negreiros sobre a coleta de informações por Maria Bonita, coleta essa que era feita por muitos outros cangaceiros com acordos semelhantes, sobretudo por Lampião.

Sempre que ficava hospedada na casa do subdelegado de Santo Antônio do Tará, em Pernambuco, tinha o seguinte combinado com a esposa do homem: quando fosse à feira comprar mantimentos, a dona de casa aproveitaria para assuntar com comerciantes e fregueses sobre o trabalho da polícia. As informações eram repassadas a Maria, que, por sua vez, levava-as ao estado-maior do bando (NEGREIROS, 2018, p. 104).

No entanto, a despeito da busca das forças policiais ser difícilíssima, não era esse o único desafio delas. Os combatentes das forças estavam indo ao encontro de bandidos altamente armados e perigosos – por vezes com armas e munições mais novas que as das forças, consoante a Mello (2019). E, que, além de se evadirem muito bem deles por conta da rede forte de informações, ainda armavam emboscadas, podendo dizimar boa parte da força que estava em seu encalço.

Todavia, apesar de operar por meio de emboscadas, tática comumente utilizada pelas guerrilhas e terem algumas características dessas – Lampião e seu bando não devem ser confundidos com um grupo guerrilheiro revolucionário, já que em Lampião não havia estratégia, não havia finalismo (VILLELA, 1995), no que se entende do conceito mais tradicional de estratégia militar: o objetivo final da estratégia em guerra geralmente é “alcançar a vitória, aniquilar o inimigo”¹ (GUEVARA, 2004, p. 07) (tradução nossa) ou submeter o inimigo à sua vontade. Tendo como norteadores esses dois pontos, podemos fazer a afirmação já dita que Lampião não tinha finalismo, portanto, não constituía força revolucionária.

Apesar disso, como descrito, conseguimos também observar no bando de Lampião características de grupos guerrilheiros, sendo elas:

a) A mobilidade:

Uma característica fundamental de um guerrilheiro é a mobilidade, que permite que ele se afaste em poucos minutos do teatro específico da ação e em poucas horas de distância da região da mesma, se necessário; isso permite a ele mudar constantemente de frente e evitar qualquer tipo de cerco (GUEVARA, 2004, p. 10) (tradução nossa).²

¹ Do original: “lograr el triunfo, aniquilar al enemigo”.

² Do original: “Característica fundamental de una guerrilla es la movilidad, lo que le permite estar en pocos minutos lejos del teatro específico de la acción y en pocas horas lejos de la región de la misma,

b) A flexibilidade do guerrilheiro no combate:

Outra característica fundamental do guerrilheiro é a sua flexibilidade para se adaptar a todas as circunstâncias e tornar todos os acidentes da ação favoráveis. Diante da rigidez dos métodos clássicos da luta, o guerrilheiro inventa sua própria tática a cada momento da luta e sempre surpreende o inimigo. Em primeiro lugar, existem apenas posições elásticas, lugares específicos a partir dos quais o fundamental é atacar o inimigo e os locais de descanso do mesmo (GUEVARA, 2004, p. 12) (tradução nossa).³

E até mesmo no uso das munições, apesar de sabido que o grupo de Lampião andava sempre bem suprido de armas e munições, estas são fadadas a acabar com rapidez, cada combate exige grande quantidade de munição. Logo, o cangaceiro tinha que usá-la com cautela, assim como o guerrilheiro.

O dever de cada soldado guerrilheiro é, imediatamente após a queda de um camarada, recuperar esses preciosos elementos de luta. Precisamente, a munição, os cuidados que se deve ter com ele e sua forma de gastá-lo, é outra característica da guerra de guerrilha. Em qualquer combate entre uma força regular e outro guerrilheiro, é possível identificar um e outro pela forma de disparo: grandes concentrações de fogo do exército tiros regulares e isolados e precisos da guerrilha (GUEVARA, 2004, p. 10) (tradução nossa).⁴

No que tange às emboscadas, no campo das táticas de combate de Lampião, davam-se em dueto com a retirada, segundo Villela (1995), conforme evidenciado por Sérgio Loreto, à época presidente da Província de Pernambuco: “a fuga operava-se rápida, e desde então para as forças que os perseguem o perigo redobra, porque cada garganta se constitui numa ameaça de morte” (Relatório dos Presidentes de Província de Pernambuco, 1926 apud VILLELA, 1995, p. 110) (*sic*).

Essas afirmações do presidente são vistas também nas falas do tenente João Bezerra: “com tiroteios de fogo encoberto, os bandoleiros em fuga, assediavam a nossa marcha até desaparecerem evitando o combate mesmo entrincheirados” (BEZERRA, 1940 apud VILLELA, 1995, p. 110).

si fuera necesario; que le permite cambiar constantemente de frente y evitar cualquier tipo de cerco”.

³ Do original: “Otra característica fundamental del soldado guerrillero es su flexibilidad para adaptarse a todas las circunstancias y convertir en favorables todos los accidentes de la acción. Frente a la rigidez de los métodos clásicos de guerrear, el guerrillero inventa su propia táctica en cada momento de la lucha y sorprende constantemente al enemigo”.

⁴ Do original: “El deber de todo soldado guerrillero es, inmediatamente que cae un compañero, recuperar estos preciosísimos elementos de lucha. Precisamente, el parque, el cuidado que hay que tener con él y su metodización al gastarlo, es otra característica de la guerra de guerrillas. En cualquier combate entre una fuerza regular y otra guerrillera se puede identificar a una y a otra por su manera de hacer fuego: grandes concentraciones de fuego de parte del ejército regular y tiros aislados y precisos de parte del guerrillero”.

Portanto, nota-se que essa tática, para ser ela digna de nota escrita, trazia desconforto às forças adversas. No entanto, apesar de sua efetividade, opera-se de modo simples e não podemos de forma alguma confundi-la com covardia, pois o dueto emboscada-retirada foi usado amplamente na história, com sucesso, por diversas forças de guerrilha e foi/é essencial para elas.

A princípio, para execução dessa tática, emboscada-retirada (tática típica das guerrilhas), se dá com o engodo, o chamariz, para atrair o inimigo para o terreno onde dar-se-á a emboscada, podendo acontecer também em terreno onde é sabido que o inimigo estará.

Em fundamento teórico, que pode ser utilizado para o entendimento dessa tática, Sun Tzu, em *A Arte da Guerra*, diz:

Aquele que primeiro chegar ao campo de batalha e esperar pela chegada do inimigo estará mais preparado para a luta. (...) Portanto, o combatente inteligente impõe sua vontade sobre o inimigo, mas não permite que a vontade do inimigo seja imposta sobre ele (TZU, 2015, p. 79).

Como vemos na fala da cangaceira Sila, em uma emboscada – chamada pelos cangaceiros de “piquete” – armada pelo cangaceiro Zé Sereno contra a volante chefiada por Zé Rufino:

(...) aí Zé Sereno disse assim: (...) “eu vou avisar a Zé Rufino que pode pegar o rastro, que se ele for homem pode vir brigar”. E assim pegou o paisano, né?! E mandou em Serra negra e dizer a Zé Rufino se ele for homem que pode pegar o rastro. E ele veio. Cabra brigão. Quando chegou num lugar que Zé Sereno achou bom pra uma emboscada: “Vamos ficar aqui, vamo esperar pra brigar”. (...) Aí Zé Sereno ficou assim, o caminho tinha umas pedra; ele ficou aqui, pôs Balão prum canto, Criança pra outro, Mané moreno... Distribuiu tudo assim na beira do rio. Aí ele disse assim: “o primeiro tiro quem vai dar sou eu. Vocês não atirem enquanto eu não der o primeiro tiro”. E nós ficamo. Eu fiquei bem pertinho assim de Zé Sereno, né? Esperamo, esperamo... aí o Zé disse: “eu acho que num vem...” Aí demorou um pouco. Aí nós ouvimos, né? Eles vindo, né? Aí as pisada deles. E Zé Sereno já na mira do fuzil, né? (SILA, s/d apud VILLELA, 1995, p. 113) (grifo nosso) (*sic*).

Como resultado desse depoimento de Sila, conseguimos retirar um paralelo com a “guerra de mobilidade” de Guevara (2004), dado que o cangaceiro Zé Sereno distribuiu sua cabroeira separadamente, para assim fazer fogo de diversos locais na tropa que estava em avanço (a volante de Zé Rufino), podendo os cangaceiros recuarem após o ataque.

Outra importante fonte para entender os combates de emboscada armados

pelos cangaceiros é o ex-cangaceiro Balão, que em entrevista fala sobre como ocorriam:

Não brigávamos sem preparo. Só atraíamos a volante depois de construir a trincheira. E lá ficávamos, ajoelhados ou em pé, escorando firme o coice da espingarda. Se matei muitos não sei. Quem mata é o mosquetão, e o capitão é quem ordena. A gente obedece, vai atirando. Se o tiro pega, ouve-se o grito: "Ai, Nossa Senhora! Valei minha mãe (BALÃO, s/d apud REALIDADE, 1973, p. 45).

Ele ainda acrescenta: "soldado morria porque vinha de peito aberto. Cangaceiro não dá o peito nem as costas, briga de quina. Um homem de quina é uma faca" (BALÃO s/d apud REALIDADE, 1973, p. 45). Com essa informação dita pelo ex-cangaceiro, retiramos mais uma técnica de combate utilizada pelos cangaceiros: "brigar de quina", ou seja, combater lateralizado, no que se entende hoje como "redução de silhueta", que tinha o objetivo de reduzir o tamanho do corpo para diminuir a probabilidade de ser acertado em um tiroteio (Figura 5).

Figura 05 – Canário ladeado por dois cangaceiros em posição de tiro



Fonte: Portal Brasileira Fotográfica (2022)

Para complementar o entendimento do ataque de emboscada, Guevara fala sobre a sua intensidade: "começa surpreendente, furioso, implacável e de repente se

transforma em passividade total. (...) O fundamental é a surpresa e a velocidade do ataque” (2004, p. 11)⁵.

Com todo esse apanhado, é notório que as táticas de combate dos cangaceiros estão relacionadas às táticas de guerrilha em muitos aspectos, sobretudo nas emboscadas, com ataques rápidos e em seguida buscando retirar-se.

Além disso, outro ponto importantíssimo para a guerra (e indispensável para a guerrilha), conforme Sun Tzu (2015), é o terreno. Igualmente, os cangaceiros – como usuários por excelências das táticas de guerrilha – faziam uso da desproporcionalidade de terreno a seu favor, procurando sempre confrontar as forças volantes, quando estavam em terreno elevado, portanto, um terreno favorável.

Portanto, de acordo com Gueiros (1953 apud VILLELA, 1995, p. 111), “eram as serras, os serrotes e ravinas os locais privilegiados para emboscada”; embora o combate pudesse ocorrer também em campo raso, como na emboscada narrada acima por Sila.

Com relação ao combate em elevações, o general Sun Tzu faz apontamentos no sentido desse tipo de terreno constituir grande vantagem:

No caso de elevações íngremes, se chegares antes de teu adversário, dever ocupar os pontos elevados e ensolarados e, de lá, esperar pela chegada de teu inimigo. (...) Se o inimigo as ocupou antes de ti, não o siga, mas recua e tenta seduzi-lo a sair (TZU, 2015, p. 120).

Dessa maneira, é demonstrado, tomando como fonte as afirmações de Sun Tzu e Guevara, que os cangaceiros faziam bom uso do terreno em seus combates. Contudo, como dito, o bando de Lampião pisou por vários estados e é notável que esse não saberia os por menores de cada um desses terrenos para deles fazer o melhor dos usos, seja nos combates, seja nas fugas.

Sun Tzu, sobre o conhecimento do terreno, traz que:

Não estamos preparados para liderar um exército em marcha se não estivermos familiarizados com o traçado da região; suas montanhas e florestas, suas armadilhas e precipícios, seus charcos e pântanos. (...) Podemos não ser capazes de transformar vantagens naturais em benefício se não fizermos usos de guias locais (TZU, 2015, p. 90-91).

Entretanto, Lampião, sabendo dessa necessidade de conhecimento do terreno,

⁵ Do original: “se inicia sorpresiva, furibunda, implacable, y se convierte de pronto en una pasividad total. (...) Lo fundamental es la sorpresa y la rapidez del ataque”.

cumpria exatamente o que Sun Tzu dizia (ainda que não haja informações que aquele fosse leitor desse, o mais provável é que esse conhecimento tenha sido adquirido por Lampião de forma empírica). Como podemos notar em Mello:

Para o domínio da geografia baiana em detalhes, veredas remotas, sítios arredados, aguadas ocultas, Lampião parte para atrair os índios que restavam por ali, a exemplo dos rodeiros, nos sertões de Rodelas; dos quiriris, na Mirandela; dos caimbés, em Maçacará. E vai alistando os chamados “caboclos brabos”, principalmente em localidades como Brejo do Burgo, pasto dos pancararés, na orla da enorme área desértica do Raso da Catarina (MELLO, 2019, p. 137).

Por fim, findo por trazer uma narrativa do combate da Serra Grande, localizada em Pernambuco, que transparece muitas das táticas abordadas nos parágrafos acima. Nesse combate entre o bando de Lampião e as forças volantes, os bandoleiros contavam com cerca de 100 homens em confronto com aproximadamente 300 policiais, uma discrepância de contingente absolutamente surpreendente. Contudo, há divergência quanto ao número exato de combatentes. Diversos autores apontam números diferentes: 65 bandoleiros contra 300 policiais, 100 cangaceiros contra 200 são alguns desses números, todavia todos apontam para um ponto em comum, que é a inferioridade de número dos cangaceiros (VILLELA, 1995).

Primeiramente, o encontro entre os grupos deu-se por conta da informação da localização dos cangaceiros por ocasião do sequestro de Pedro Paulo Mineiro Dias por Lampião, que foi retratado no poema de João Martins de Athayde (1926 apud MELLO, 2019, p. 113-114):

O viajante que vai
 A mandado do patrão,
 Fazer negócios urgentes
 No comércio do sertão,
 Quando ele menos espera,
 Encontra a terrível fera
 Pronta a entrar em ação.
 Nestes dias, no sertão,
 Um distinto cavalheiro,
 Viajante da Stland,
 Por nome Pedro Mineiro,
 Sem esperar a cilada,
 Caiu em uma emboscada
 Do terrível cangaceiro.
 O sertão está tornado
 Um lugar sem garantia,
 Ninguém pode viajar,
 Nem passar em travessia,
 É um suplício danado,

Porque se é tocaiado
A qualquer hora do dia.

Indo, agora, direto ao dia do combate, segundo Mello (2019), e em forma de emboscada, ainda que provavelmente houvesse uma desconfiança por parte da polícia de ali ser um desses pontos, como relatou o responsável pela campanha: tenente Hygino, no dia 26 de novembro de 1926, Lampião estava posicionado em cima da Serra Grande, localização privilegiada e taticamente aconselhada, como visto nos parágrafos acima. Ele fez-se cuidadoso ao tomar para si o controle das fontes de água – lembre-se que estamos em cenário de Caatinga, cenário de água escassíssima, portanto, Lampião, com isso, estava em controle de grande parte da água desse cenário árido.

Não menos interessante foi a disposição tática que ele impôs: com um grupo, Lampião localizava-se no topo da Serra para ter visão completa do combate e emitir ordens. Em uma parte um pouco mais baixa, entre Lampião e seu grupo e o grupo que estava com Antônio Ferreira, encontra-se Sabino Gomes, com a mesma tarefa do grupo que estava em cima: fazer fogo no inimigo; e, na parte plana, próximo à subida da Serra, encontrava-se escondido o cangaceiro Antônio Ferreira, irmão de Lampião, esse era responsável pelos ataques de retaguarda, ou seja, ao iniciar o combate, Antônio Ferreira e seu grupo empenhavam-se na tentativa de cercar as forças policiais para cercá-las – o chamado de movimento de retaguarda. Para isso, utilizavam-se de roupa diferenciada do bando no geral, vestindo roupas parecidas com a da polícia – ou “vestido de macaco” (macaco era como os cangaceiros chamavam os policiais), como diz Mello (2019), facilitando, assim, a sua função nesse tipo de ataque.

Portanto, com a análise desse combate e de todas as informações trazidas nos parágrafos anteriores deste tópico, mostra-se claramente como Lampião e seu grupo tiveram sucesso nas fugas do aparato repressivo do Estado por tanto tempo. Sendo parte desse êxito, o uso de táticas de guerrilha, técnicas para ocultação de rastros, rede de contatos e de informações e, ainda, em seus combates utilizavam conhecimentos caríssimos com embasamentos empíricos, que são estudos por teóricos e operadores da guerra e da guerrilha, dada a sua efetividade. Em suma, foi a soma de todos esses fatores que levou esses cangaceiros a conseguirem êxito por tanto tempo na fuga da “persiga” das forças volantes por vários estados do Nordeste brasileiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos evidenciar um Lampião a partir das perspectivas discursivas de pelo menos dois autores renomados na área, todavia, não menos suscetíveis à crítica quanto à representação imagética, sendo proposta uma intersecção de ambos os discursos para formar mais uma representação imagética desse cangaceiro: o bandido social vingador no início da empreitada criminosa que veio a se transformar em um bandido por meio de vida, o que Mello (2013) veio a chamar essa transformação de “transtipicidade”.

Além disso, apresentou-se Lampião como fugitivo e combatente. Evidenciou-se pontos como as diversas táticas de combate e fuga, técnicas de ocultamento de rastro e a rede de contatos e de informação que fez com que esse bandoleiro pudesse escapar dos intentos das forças do Estado para capturá-lo (vivo ou morto) por quase duas décadas na posição de líder de bando (1922-1938).

Importando, ainda, ressaltar o *modus operandi* que veio a acompanhar esse cangaceiro durante toda sua vida como líder, o nomadismo catingueiro, sendo esse fundamental para o cangaceiro, tanto para se manterem em fuga por tanto tempo, quanto para suas táticas de combate, dado que as forças policiais estavam sempre atrás, apenas colhendo os rastros dos cangaceiros – ou pelo menos tentando.

Contudo, para além disso, também pensamos o cangaço de modo mais amplo: suas práticas cotidianas e combativas, refletindo sobre a presença de homens e mulheres com nomes muitas vezes dados pelos seus líderes ou companheiros de lida. E que bom que os relatos desses e dessas nos chegam. Que continuem chegando, somando forças a esse trabalho que ora se encerra, mas que nunca se finda: de falar do cangaço lampiônico e de suas histórias.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAVALCANTI, Maria Tereza de Melo. A relação entre indígenas e cangaceiros no sertão pernambucano (1922-1938). Colóquio de História da Universidade Católica de Pernambuco, 14, 2020, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2020.
- CLAUDINO, Nadja Claudinale da Costa. **Maria Bonita entre o punhal e o afeto**. Cajazeiras: Arribaça, 2020.
- CONTE, Maria Cristina Raposo. 2020. Barulho Danado: representações do cangaço nos jornais Diário da Manhã (PE) e Diário de Pernambuco no período lampiônico (1925-1938). 2020. **Relatório Técnico** (Mestrado Profissional em História), Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- DUTRA, Wescley Rodrigues. 2011. Nas trilhas do “rei do cangaço” e de suas representações (1922 – 1927). 2011. **Dissertação** (Mestrado em História), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- GUEVARA, Ernesto. **La Guerra de Guerrillas**. [s/l]: CEME web Productions, 2004. Disponível em: https://www.archivochile.com/America_latina/Doc_paises_al/Cuba/Escritos_del_Che/escritosdelche0045.pdf
- HOBBSAWM, Eric John Ernest. **Bandidos**. Tradução: Donaldson M. Garschagen. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Tradução: Mário e Celestino da Silva. v. 248. Brasília: Senado Federal, 2019.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Apagando o Lampião: Vida e morte do rei do cangaço**. São Paulo: Global, 2019.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 5. ed. São Paulo: A Girafa, 2013.
- NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita: sexo, violência e as mulheres no cangaço**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- PEREIRA, Auricélia Lopes. O rei do cangaço e os vários Lampiões. 2000. **Dissertação** (Mestrado em História do Brasil), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

VILLELA, Jorge Luiz Mattar. A Organização Espacial do Cangaço sob a Chefia de Virgulino Ferreira da Silva, Lampião (1922-1928/1928-1938) ou Como Produzir Território em Movimento. 1995. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TZU, Sun. **A arte da guerra**. São Paulo: Novo Século Editora, 2015.

FONTES

Fotografias

- Lampião fazendo uso de bornais
- Bando de Lampião, contabilizando 10 cangaceiros
- Bando de Corisco, subgrupo de Lampião, com 10 cangaceiros
- Maria Bonita e Dadá, respectivamente, portando revólveres
- Canário ladeado por dois cangaceiros em posição de tiro

Outras

REALIDADE, [s/l], nov. 1973. Disponível em:

http://memoria.bn.br/pdf/213659/per213659_1973_00092.pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.

A MULHER NO CANGAÇO. Direção: Hermano Penna. Produção: José Antônio Silva. Brasil: Rede Globo, 1976. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=g6n2ia1Bb04>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FEMININO CANGAÇO. Direção: Lucas Viana e Manoel Neto. Produção: CEEC – Centro de Estudos Euclides da Cunha e Web TV UNEB. Brasil: CEEC – Centro de Estudos Euclides da Cunha, 2016. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=wsTCQ7LOeds&t=686s>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Sites de pesquisa

<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/>

<https://www.youtube.com/>

<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/realidade/213659>